



*Artigo*

**Adesão ao Fascismo e Preconceito Sutil contra  
Negros: um estudo com universitários na cidade  
de São Paulo**

*Adhesión al Fascismo y Prejuicio Sutil contra Negros:  
um estudo com universitários na cidade de São Paulo*

*Adhesion to Fascism and Subtle Prejudice against Blacks  
People: a study with university students in the city of  
São Paulo*

Luis Guilherme Galeão-Silva<sup>1</sup>

---

<sup>1</sup> Filiação institucional. Psicólogo e mestre em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano pela Universidade de São Paulo, Brasil, e doutor em Psicologia Social pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Atualmente é professor dos Programas de Pós-Graduação em Psicologia Social e em Humanidade, Direitos e outras Legitimidades da Universidade de São Paulo, São Paulo, SP, Brasil.

Correspondência:

E-mail: [luigaleao@usp.br](mailto:luigaleao@usp.br)

Instituição de correspondência:

Instituto de Psicologia da USP Av. Prof. Mello Moraes 1721 CEP 05508-030 Cidade Universitária  
- São Paulo - SP

**Resumo**

Várias pesquisas recentes demonstram forte redução da crença de que o Brasil seja uma democracia racial. Aparentemente, muitos comportamentos mudaram no país, o que justifica a investigação do significado dessas mudanças. Nesse sentido, propomos partir de uma comparação entre essas novas manifestações do preconceito racial e sua tendência para aderir ao fascismo. Para esse estudo, foi confeccionado um questionário composto por três escalas do tipo Likert: preconceito sutil e preconceito flagrante (Pettigrew e Meerteens, 1995) e escala F (Adorno *et al.*, 1965). Os sujeitos da pesquisa foram 133 estudantes universitários do curso de Administração de Empresas. Um resultado significativo da pesquisa foi a correlação entre a tendência para adesão ao fascismo e o preconceito sutil contra negros.

**Palavras-chave:** Preconceito Sutil, Racismo, Teoria Crítica da Sociedade, Fascismo, Escola de Frankfurt, Estudantes Universitários

**Abstract**

Several recent surveys show a strong reduction of the belief that Brazil is a racial democracy. Apparently, many behaviors have changed in the country, it's justify the investigation of the significance of these changes. Accordingly, we propose a comparison between these new manifestations of racial prejudice and its tendency to fascist attitude. For this study, we prepared a questionnaire composed of three Likert scales: subtle prejudice and blatant prejudice (Pettigrew and Meerteens, 1995) and F scale (Adorno *et al.*, 1965). The subjects were 133 undergraduate students of Business Administration universities in São Paulo. A significant result of the research was the correlation between the tendency to fascist attitude and subtle prejudice against blacks.

**Keywords:** Prejudice Against Blacks, Fascist Attitude, Subtle Bias, Frankfurt School, undergraduate student

**Resumen**

Varias encuestas recientes muestran una fuerte reducción de la creencia de que Brasil es una democracia racial. Al parecer, muchos de los comportamientos han cambiado en el país, lo suficiente como para justificar la investigación del significado de estos cambios. En consecuencia, se propone una comparación entre estas nuevas manifestaciones del prejuicio racial y su

tendencia a adherirse al fascismo. Para este estudio, hemos elaborado un cuestionario compuesto por tres escalas de Likert: el prejuicio sutil y prejuicio evidente (Pettigrew y Meerteens, 1995) y la escala F (Adorno et al. , 1965). Los sujetos fueron 133 estudiantes de pregrado en Administración de Empresas en la ciudad de São. Uno resultado importante de la investigación fue la correlación entre la tendencia a adherirse al fascismo y al prejuicio sutil contra los negros.

**Palabras Clave:** Prejuicios contra los Negros, Adhesión al Fascismo, Prejuicios Sutiles, Escuela de Frankfurt, Estudiantes Universitários

## Introdução

---

A sociedade brasileira mudou nos últimos 25 anos, desde a redemocratização abrindo espaço para que o preconceito contra negros pudesse ser reduzido por meio de políticas sociais e mudanças nas crenças sociais. Quando, no século XX, a ideologia racial brasileira foi criticada, muitos de seus valores e comportamentos sofreram questionamento, como o mito da democracia racial, tanto assim que várias pesquisas recentes demonstram a forte redução da crença de que o Brasil não seja um país que apresente racismo (Turra & Venturi, 1995; Venturi e Bokany, 2004). Dessas pesquisas resultou que, aparentemente, muitos comportamentos mudaram. Mas o que significavam essas mudanças? A fim de investigar esses fatos, propomos uma comparação entre as novas apresentações do preconceito racial e a tendência socialmente constituída na subjetividade para a adesão ao fascismo (Adorno e cols. 1965).

Aqui, o fascismo não tem apenas o significado de um regime político, mas converte-se no sinal de uma grave regressão do esclarecimento da sociedade e da política, que reproduz o autoritarismo e a aceitação cínica da dominação do sistema social sobre todas as potencialidades humanas (Adorno e cols. 1965). Observe-se, ainda, que essas características gerais são inscritas na subjetividade por meio da socialização dos indivíduos. Elas moldam a suscetibilidade do indivíduo para sua adesão ao ideário fascista, ou seja, modela a tendência de adesão ao fascismo.

Quanto ao preconceito, este se apresenta de muitas formas (Crochik, 1997). As noções de preconceito flagrante e preconceito sutil (Meertens & Pettigrew, 1997) são uma tentativa de flagrar as mutações do preconceito e de sua manifestação (Dolvídio & Gaertner, 1986; Henry & Sears, 2002)

Este artigo é o resultado da preocupação sobre o significado das recentes mudanças sociais nas manifestações de preconceito contra negros. Para tanto procuramos discutir diferentes formas de manifestação de preconceito (flagrante e sutil) e investigar se estão relacionadas a predisposições a posições políticas (como tendência à adesão ao fascismo). Para incluir novos elementos empíricos nessa discussão, foi realizada uma pesquisa, por meio de questionários.

Desde já, é necessário esclarecer que, nesta pesquisa, o negro é considerado um modelo, identificado em indivíduos e utilizado por eles para identificar um grupo social. Ressalte-se que nenhum grupo étnico é aqui considerado, uma naturalização das distinções sociais.

Considera-se aqui a psicologia social como um conhecimento político, no sentido forte, pois se insere na crítica da dominação. Nessa posição, a psicologia social é uma ciência que não abrange todo o espectro da teoria social (Adorno 1967, 1968). A Teoria Social tem uma compreensão específica das relações sociais (historicamente marcadas pela dominação) e do papel da teoria e da ação social na emancipação do ser humano desse estado de coisas. A psicologia social então pode ser crítica caso parta da compreensão da historicidade dos conflitos sociais para corroborar com uma visão crítica da sociedade por meio da análise dos elementos psíquicos socialmente forjados que impedem a emancipação e permitem a adesão à dominação (por exemplo, a ideologia). (Adorno 1967, 1968; Crochik, 2008)

A expressão da dominação é variada. O indivíduo pode ser socializado para ter atitudes preconceituosas contra o negro como para serem autoritários. Conforme Adorno (1965), esse autoritarismo dos indivíduos pode ser observado como uma tendência para a adesão ao fascismo e como o caráter autoritário. Estas duas características tem um sentido definido na Teoria Crítica da Sociedade. A tendência à adesão ao fascismo é considerada uma disposição de afetos e cognições a comportamentos autoritários e o caráter é uma estrutura de personalidade, formada por meio da mediação das forças dominantes na sociedade em uma subjetividade que resiste à total adaptação à sociedade. A ação do indivíduo é sempre mediada socialmente e, atualmente, essa mediação é maior do que nunca (Adorno, 1965; Crochík, 1997). A presente pesquisa foi proposta com o sentido de analisar a relação entre o preconceito flagrante, o preconceito sutil e a tendência à adesão ao fascismo. Para esse propósito, dividimos o texto em referencial teórico, método, resultados e discussão e considerações finais.

## 1. Referencial Teórico

---

Dois aspectos do objeto de pesquisa (a predisposição à discriminação racial contra negros no Brasil) são comparados nesta pesquisa: a personalidade autoritária de um lado e o preconceito sutil e flagrante de outro. Mas estes aspectos são apreendidos nesta pesquisa por meio de instrumentos que partem de referenciais teóricos diferentes. O estudo sobre preconceito flagrante e sutil pesquisa a questão normativa enquanto que o da personalidade autoritária pesquisa a interiorização da dominação social e histórica nas características mais profundas da personalidade.

A comparação entre estes dois instrumentos nos permite, brevemente, comentar duas compreensões distintas do campo da psicologia social. A primeira divide a psicologia social entre teorias psicológicas e sociológicas. Teríamos então uma psicologia social psicológica na qual os processos psicossociais sempre são reduzidos a funcionamentos psíquicos individuais. Essa parte do campo da psicologia social seria fortemente influenciada pela ideologia individualista estadunidense. Para esta classificação, a pesquisa sobre a personalidade autoritária seria então um exemplo de psicologia social psicológica. Por outro lado, a psicologia social sociológica não reduziria a dimensão da interação psíquica social ao indivíduo, e sim lançaria mão de conceitos teóricos filosóficos e sociológicos variados que enfatizariam processos intermediários entre a sociedade e a psicologia (Farr, 2000). Os estudos normativos sobre o preconceito estão situados nesta segunda metade do campo de conhecimento. Entretanto o objeto de estudo, a expressão do racismo como uma conduta política não permite esta divisão da psicologia social, salvo melhor juízo. Partimos de outra compreensão epistemológica, a da diferença entre a teoria tradicional e a teórica crítica (Horkheimer, 1983). Consideramos que esta permite compreender criticamente o objeto de estudo, tanto o efeito da mudança da normatividade (preconceito sutil) quanto a interiorização da dominação nas estruturas de personalidade (personalidade autoritária). Adorno ao justificar o uso de escalas do tipo *likert* no estudo sobre a Personalidade Autoritária indicou

que um método de estudo reificado é adequado para compreender um comportamento reificado, no caso, o preconceito (Adorno, 1995; Crochík, 2008).

O estudo empírico da predisposição subjetiva ao racismo não visa investigar a discriminação racista em si, pois esta existe como ato, ou seja, é mediada por situações concretas. Ao contrário, objetiva observar um dos elementos constituintes dessas situações, que é a predisposição à discriminação, esta, por sua vez, mensurável por meio de enunciados. Obtém-se o conteúdo e a forma de tais enunciados para medir a proximidade das pessoas quanto ao pensamento estereotipado a respeito de um grupo específico. Essa disposição individual é determinada pela sociedade, por isso as ideias sociais podem ser apresentadas às pessoas para medir sua introjeção. Quando os indivíduos concordam com os enunciados discriminatórios, mostram sua disposição à discriminação.

No Brasil, algumas pesquisas no campo da psicologia social têm revelado as formas do preconceito racial contra negros. Uma pesquisa ampla sobre racismo no Brasil, realizada na década de 90, entrevistou 5.081 pessoas em todo o país (Turra e Venturi, 1995: 90). Nela, a maioria identificou-se como não racista e julgava que a maioria dos brasileiros era racista contra negros. Entretanto, as pessoas pesquisadas mostraram racismo ao responder a diversas questões. Os pesquisadores dividiram as questões em duas escalas: uma rigorosa e outra generosa. O resultado foi 87% dos entrevistados apresentaram algum preconceito na escala rigorosa e 42%, na escala generosa. Logo, a maioria dos sujeitos apresentava traços de racismo, mas um pouco menos da metade expõe mais essas atitudes (Venturi e Paulino, 1995). Em outra pesquisa sobre atitudes racistas no Brasil, realizada em 2000, foi elaborada uma seleção de questões de pesquisa sobre a percepção do preconceito racial, obtendo-se baixo índice de racismo e alto nível de percepção do racismo (Oliveira e Barreto, 2003; Oliveira, 2002) e concluindo que os brasileiros julgam existir racismo contra os negros. É uma mudança na opinião, em relação às décadas de 50 e 60 (Fernandes, 1985; Guimarães, 2000; 2005). Então, a maioria das pessoas negava a existência de racismo na sociedade brasileira. Mas a recriminação do próprio racismo permaneceu alta da década de 1950 para hoje. Isso corrobora o que foi observado por Fernandes (1985): no Brasil, a norma social recrimina as manifestações diretas de preconceito.

Esse debate, além do mais, não ocorre só no Brasil. Na Europa, Pettigrew e Meertens (1995) observaram que pessoas que não demonstram um racismo flagrante podem apresentar rejeições ao convívio ou motivos individualistas e falsamente universalistas – a afirmação da igualdade de direitos nas desigualdades sociais –, o que seria racismo sutil. O preconceito sutil pode ser compreendido como fenômeno normativo. As pessoas mudariam seus pontos de vista racistas por submissão à influência social: conformismo, identificação e interiorização. Vista dessa perspectiva, é tênue a linha que separa os preconceituosos sutis dos não preconceituosos:

Nossa conjectura é que os sutis têm um limiar maior do que o dos igualitários (porém, menor do que o dos flagrantes), antes que a inibição de respostas preconceituosas seja ativada. Por isso, os sutis tendem a aceitar os enunciados da escala sutil e os igualitários, não. (Pettigrew e Meertens, 1995: 73)  
[tradução do autor]

Os preconceitos flagrantes e sutis estão correlacionados, mas não são idênticos. O preconceituoso flagrante rejeita e ataca o grupo discriminado. Já o preconceituoso sutil tem outra postura, afasta-se e neutraliza seus sentimentos em relação ao grupo discriminado, no entanto, não aceita proximidade nem intercâmbio cultural.

A ideologia racista no Brasil é também mediada por necessidades objetivas. Hoje, essa ideologia muda de uma matriz conservadora para a adesão à racionalidade tecnológica. Em pesquisa no Brasil, Crochík demonstrou a mudança do quadro ideológico de formação da personalidade autoritária. No lugar da ideologia conservadora e liberal, é mais importante, hoje, a ideologia da racionalidade tecnológica (Crochík, 2001; 2005). Ou seja, a eficiência dos procedimentos e a competência dos técnicos têm força normativa e justificadora na sociedade atual. Sendo assim, é pouco radical a crítica à ideologia a partir da oposição entre seus princípios universais e a divisão de classes. Os princípios da ideologia da racionalidade tecnológica são pragmáticos e têm pouca profundidade reflexiva. Assim, hoje, a adesão aos princípios liberais ou conservadores se dá sem grande entusiasmo, pois eles não são fundamentais para a dominação. Por exemplo, a estratégia de adotar a diversidade étnico-racial nas empresas é um instrumento para melhorar a sua imagem e sensibilizar consumidores simpáticos a convivência entre brancos e negros. Porém essa inclusão é instrumental e não afeta os fundamentos da estrutura hierárquica das empresas (Alves & Galeão-Silva, 2004). Logo, depois de mais de uma década de programas de diversidade nas empresas Brasileiras permanece uma grande desigualdade entre negros e brancos nas empresas (Ethos, 2010)

A socialização tradicional brasileira sobre o racismo inclui certa sutileza na expressão do racismo, ao declarar o preconceito. A nova etapa da norma social inter-racial é a da integração do negro à sociedade administrada. A hegemonia do mito da democracia racial foi superada. Várias pesquisas mostram que os brasileiros reconhecem a existência de discriminação racial no país (Turra & Venturi, 1995; Venturi & Bokany, 2004), mas a negação ideológica ainda se manifesta na inversão do preconceito para quem defende compensações aos negros. Por exemplo, nesse referencial, quem quebra a suposta harmonia das relações raciais nas empresas atuais, ao defender contratações de negros e de negras, é taxado de preconceituoso.

Para relacionar a tendência à adesão ao fascismo com o preconceito flagrante e o preconceito sutil no Brasil, é necessário compreender criticamente as características dessas duas expressões do preconceito. Para medir esses dois conceitos foram escolhidas duas características do preconceito flagrante e três do preconceito sutil (Pettigrew e Meertens, 1995). As características do preconceito flagrante estão bastante relacionadas a outras características psicossociais do preconceito que serão apresentadas a seguir, comparando-se, a seguir, os dois conjuntos. Na sequência, ao discutir o preconceito sutil, será apresentada e criticada a teoria subjacente à escala sobre a aprendizagem das normas sociais. Além disso, cada uma das características do preconceito sutil será abordada e criticada.

A escala de preconceito flagrante tem duas características predominantes em seus enunciados: por um lado, ameaça e rejeição e, por outro lado, anti-intimidade.

A percepção da rejeição e da ameaça do grupo discriminado é a primeira característica que reflete esse tipo de preconceito. A rejeição foi observada nos primeiros estudos científicos que enfatizavam o processo psicológico do preconceito. A rejeição do grupo discriminado e o

sentimento de ameaça por ele causado já estavam presentes na definição clássica de preconceito (Allport, 1979).

A anti-intimidade é outra característica do preconceito flagrante e é causada pelo afeto negativo projetado sobre o discriminado. Esse aspecto afetivo do preconceito foi muito estudado como dimensão da predisposição contra certo grupo (Allport, 1979). Na escala de preconceito flagrante (Pettigrew e Meertens, 1995), em vez de aferir diretamente o afeto negativo (por exemplo, desconfiança), são levantadas questões sobre algo associado: a não intimidade. A psicanálise, porém, já demonstrou as relações contraditórias entre os afetos positivos – atração e os negativos – repulsão – e questiona a primeira, mostrando a atração (destrutiva) por objetos que causam repulsa. Para ela, o que causa a rejeição é aquilo que causa a atração inconsciente. Os sentimentos paradoxais, atração e repulsa pelo mesmo objeto, surgem do processo de projeção dos afetos: quando os afetos inconscientes são vividos como insuportáveis, uma das formas de defesa inconsciente é a projeção. Ocorre uma projeção de afetos indesejados sobre o objeto discriminado, e este passa a causar, contraditoriamente, atração, até mesmo certo tipo de intimidade. Sim, acrescenta a psicanálise, há uma espécie de intimidade entre o indivíduo e o objeto que ele rejeita, pois, muitas vezes, o preconceituoso alimenta, em seu íntimo, o desejo de ser como o discriminado (Horkheimer & Adorno, 1992). Um exemplo dessa relação é a imitação de um estereótipo de negro durante a narração de uma piada racista. Durante essa atuação o racista experimenta atuar como imagina ser o discriminado. Sem dúvida, o racista estranha essa proximidade, porém, o estranhamento revela a proximidade inconsciente do indivíduo com o objeto, como foi revelado por Freud (1976).

Por sua vez, a noção de preconceito sutil parte da distinção entre as diferentes formas de aprendizado das regras sociais para relações inter-raciais (Pettigrew e Meertens, 1995).

A definição de preconceito é histórica, assim como são históricas suas variações de conceito, por exemplo, o preconceito sutil e o preconceito flagrante. As diferentes apreensões das normas antirracistas levam a diferentes manifestações do preconceito: “O preconceito flagrante é a forma tradicional: é quente, próximo e direto. Ao contrário, o preconceito sutil é sofisticado, distante e indireto” (Meertens & Pettigrew, 1997: 54 [nossa tradução]).

O preconceito sutil ocorre quando a predisposição ao comportamento é determinada por conformação e por identificação. Ou seja, quando os valores antirracistas são impostos na interação social, mas não ocorre a sua interiorização, ou seja, quando são só exigidos pelo meio ou são copiados de outra pessoa sem uma aceitação genuína. O não preconceito ocorreria quando esses valores fossem interiorizados. Seria um aprofundamento do aprendizado e, nesse nível, o indivíduo tem valores antirracistas entre os seus próprios (Pettigrew & Meertens, 1997).

Mas, antes de prosseguir no rumo da compreensão do preconceito sutil, é necessário esclarecer o significado do termo “sutil”, quando está associado ao preconceito. Alguns de seus significados – “quase imperceptível” ou “leve, pouco espesso” ou “penetrante, que se insinua com facilidade” (Houaiss, 2006) – são próximos do que se relaciona ao preconceito. Porém, outros significados da palavra “sutil” – “que tem grande sensibilidade” ou “feito com arte, delicadeza” (Houaiss, 2006) – não são adequados para o preconceito em questão. Assim, o preconceito sutil é escamoteado, mas nunca é belo.

O preconceito sutil é investigado por meio de três características operacionais, que são: o conservadorismo (reacionarismo), o exagero da percepção de diferença a partir do grupo



discriminador para o grupo discriminado (narcisismo das pequenas diferenças e identidade grupal) e a ausência de afetos positivos em relação ao grupo discriminado (identidade). Essas são as características operacionais usadas para pesquisar o preconceito sutil contra diversos grupos discriminados. (Pettigrew & Meertens, 1995). Tais características podem surgir associadas com as próprias do preconceito flagrante, porém não dependem delas para representar um tipo de preconceito.

A primeira característica é o conservadorismo (Pettigrew e Meertens, 1995). É a atitude de defesa de valores ligados ao esforço e sucesso individuais (Vala, 1999), ou a determinação do lugar social da pessoa por meio do *status* do grupo social. A segunda característica do preconceito sutil é a percepção exagerada da diferença cultural entre o grupo dominante e o grupo dominado. O exagero da percepção da diferença é uma forma suficiente de expressão do preconceito sutil. Note-se que percepção da diferença não é o mesmo que reconhecimento da diferença. O reconhecimento implica não apenas a percepção, mas também aceitação do outro como interlocutor merecedor de consideração e direitos (Honneth, 2003). Mas essas diferenças não são idênticas àquelas projetadas por meio dos preconceituosos flagrantes. Afirmar, por exemplo, que os negros têm costumes inadequados à sociedade é uma manifestação de exagero da diferença cultural, ou seja, as diferenças culturais podem ser o pretexto de um preconceito velado. Além disso, as diferenças culturais são bastante evidenciadas em um mundo internacionalizado. Em uma sociedade cada vez mais regida pelo mercado global, as características próprias sofrem mutações e são transformadas em mercadoria.

O exagero da diferença é distinto do respeito à diferença. Aplicando essa máxima ao objeto de estudo desta pesquisa – o preconceito – suas duas facetas são a percepção da diferença e a percepção da igualdade. A percepção da diferença, quando é uma atitude de reconhecimento, não é preconceituosa. Mas, quando é uma atitude que exagera a diferença, ela causa a repulsão. A percepção da igualdade, quando é identificação, permite a aproximação. Mas, quando a igualdade é construída à custa do recalque do diferente, ela é a negação da equidade.

A terceira característica do preconceito sutil é a negação da atribuição de afeto positivo, quando se pede ao sujeito que avalie o grupo discriminado. A diminuição das manifestações de afetos negativos contra grupos discriminados em sociedades que estabeleceram normas antirracistas foi demonstrada por várias pesquisas (Vala, 1999; Meertens e Pettigrew, 1997). Essas mesmas pesquisas demonstraram que, apesar das normas antirracistas, a desigualdade da atribuição do afeto positivo ainda existia. Essa característica é distintiva da presença ou não de preconceito sutil (Pettigrew e Meertens, 1995). No Brasil, resultados de Camino (*et al.*, 2001) indicam uma atribuição de afeto maior aos negros do que aos brancos, o que significa que afetos positivos foram relacionados a negros em sua amostra de estudantes universitários. No mesmo estudo, os negros brasileiros foram associados a características de países do Terceiro Mundo, enquanto os brancos foram associados a características de países do Primeiro Mundo, o que significa um estereótipo negativo. Ou seja, em outra amostra brasileira, o preconceito se apresentou com afeto positivo atribuído aos discriminados.

Por fim, indicaremos brevemente o conceito de *Personalidade Autoritária* e a medição de um de seus constructos por meio da *Escala F*. Na pesquisa *A Personalidade Autoritária*, a tendência à adesão ao fascismo e a tendência latente ao preconceito foram definidos operacionalmente por meio de diversas características, em uma escala Likert. Os subsídios para

essa escala vieram de estudos anteriores sobre os agitadores fascistas (Lowenthal, 1987 e Adorno 2000).<sup>1</sup> As respostas às alternativas representavam a adesão à tendência ao fascismo. Porém, o determinante da adesão à ideologia não é a idiossincrasia individual: “Poderíamos chamar esse determinante de atmosfera cultural geral e, particularmente, de influência ideológica exercida sobre o povo pela maioria dos meios destinados a modelar a opinião publica” (Adorno, 1965: 614).

A pesquisa sobre o potencial de adesão das pessoas ao autoritarismo – o caráter autoritário –, realizada nos EUA, desenvolveu uma série de instrumentos de medida, entre os quais a escala de fascismo (F) sobre a personalidade autoritária. Ela foi desenvolvida no núcleo de opinião pública de Berkeley, em colaboração com um instituto de pesquisa social de Frankfurt (Adorno *et al*, [1950] 1965), tem enunciados divididos em temas a partir de diversas pesquisas sobre o agitador fascista e sua audiência (Horkheimer e Adorno, 1992; Adorno, 2006 e Lowenthal, 1987) e adequações das interpretações a partir dos dados da pesquisa quantitativa e qualitativa. Entre os padrões de comportamento do indivíduo com caráter autoritário estão: a ojeriza ao fraco e a anti-intracção (não levar em conta a interioridade); a predominância do pensamento estereotipado; a crença no poder e na força como forma de evitar as angústias; a orientação política e moral conservadora; a relação ambígua com a autoridade – desrespeito por figuras de autoridade e forte adesão ao uso extremo da autoridade; a tendência ao comportamento cínico e destrutivo; e uma grande projetividade de medos e ameaças, com uma fraca elaboração da noção de realidade e da diferença entre interioridade e exterioridade. Os comportamentos típicos da pessoa com síndrome da tendência à adesão ao fascismo relacionam-se com o convencionalismo, a submissão à autoridade, a agressividade contra a autoridade, a divisão do mundo em grupos e a superstição. A escala original é composta por 29 enunciados. Porém, um dos enunciados foi retirado por Crochík por estar desatualizado ao tratar diretamente da Segunda Guerra Mundial.

Desse modo, estabeleceu-se o objetivo desta pesquisa: compreender como o preconceito flagrante e o preconceito sutil contra negros se relacionam com a escala de fascismo.

## 4. Método de Pesquisa

---

---

<sup>1</sup> Nas edições consultadas não há a data original do livro. Em um texto sobre sua experiência nos EUA Adorno afirma que seu estudo é de 1943. (Adorno, 1995:170). Para Wiggershaus, o texto de Lowenthal é parte dos estudos sobre o preconceito da década de 1940 que antecederam a pesquisa sobre *Personalidade Autoritária* (1994: 410).

Os sujeitos da pesquisa foram 133 estudantes universitários do curso de Administração de Empresas em duas instituições privadas, todos universitários de ambos os sexos, no último ano da faculdade, com idade entre 20 e 25 anos. Deles, 103 se identificaram como brancos, 16 como orientais, seis como pertencentes a mais de um grupo étnico, que foram chamados de mestiços, e 8 como negros. Os respondentes se dividiram em 75 homens e 58 mulheres.

Foi pedido aos respondentes que se identificassem como negros, brancos, mulatos ou orientais e informassem sua cor: branca, negra, amarela ou parda. Foram considerados brancos os respondentes que repetiram a cor e a identificação branca.

Esta pesquisa optou pelo cálculo dos resultados apenas com os identificados como brancos e brancas. As definições de etnia e cor são modelos de identificação criados pela sociedade e utilizados pelos indivíduos para a definição de identidades sociais (Guimaraes, 2005). Todos eles são significados atribuídos pelos respondentes a si e aos outros. Esses significados são mediações da sociedade na aparentemente imediata classificação de grupos étnicos. Desse modo, na relação, o conflito social e sua mediação aparecem na projeção do dominante (branco) sobre o dominado (negro).

Como instrumento de pesquisa, foi utilizado um questionário composto de enunciados em três escalas (Preconceito Sutil, Preconceito Flagrante e Escala F) com itens do tipo Likert.

Os enunciados sobre a tendência para adesão ao fascismo são apresentados na escala de fascismo (Adorno *et al.*, 1965). A escala de fascismo foi adaptada do inglês para o português por José Leon Crochík (1999). As outras questões correspondem às escalas sobre preconceito flagrante e preconceito sutil elaboradas por Pettigrew e Meertens (1995). As escalas de preconceito flagrante e preconceito sutil foram adaptadas pelo autor desta pesquisa. Todas as escalas passaram por adaptações a partir da apreciação de juízes e de uma pré-aplicação a 22 alunos de administração.

As escalas de preconceito flagrante e de preconceito sutil de Pettigrew e Meertens (1995) foram aplicadas pela primeira vez na Europa, na pesquisa *Eurobarómetro*,<sup>2</sup> em 1988. Cada escala sobre preconceito flagrante ou preconceito sutil é composta de 10 enunciados.

Os 133 universitários que concordaram em entregar o questionário respondido assinaram o termo de consentimento livre e esclarecido. Todo o procedimento foi aprovado pelo comitê de ética em pesquisa da PUC - SP.

## 5. Apresentação e Discussão de Resultados

---

---

<sup>2</sup> O *Eurobarómetro* é uma pesquisa de opinião realizada pelo setor de análise de opinião pública da comissão europeia

A discussão e apresentação dos resultados divide-se em três partes. A primeira é a descrição dos resultados e suas correlações. A segunda parte consiste na discussão das correlações entre a escala de fascismo e o preconceito sutil. São analisadas as implicações da correlação para o estudo da tendência latente ao preconceito e o preconceito sutil e para a compreensão da ideologia racista e da ideologia fascista. Por último, são apresentadas duas discussões, a partir da correlação entre a escala de fascismo e o preconceito sutil. Essas discussões tratam do significado social dos enunciados da escala de preconceito sutil e da relação do preconceito sutil com o mundo administrado.

#### a. Resultados descritivos das escalas

A seguir, é apresentada a tabela dos valores das médias e desvios padrões da escala de fascismo, do preconceito flagrante e do preconceito sutil.

**Tabela 1: Média e desvio padrão da Escala de Fascismo, Preconceito Flagrante e Preconceito Sutil**

	Mé dia	Desvio padrão	t Student (bicaudal)	Graus de Liberdade
<b>Fascismo</b>	3,38	0,76	41,77	p<0,01
<b>Preconceito Flagrante</b>	2,20	0,85	39,71	p<0,01
<b>Preconceito Sutil</b>	2,70	1,05	-6,6	p<0,01

As diferenças entre as médias são significativas segundo o t de Student (bicaudal), (1 e 132 graus de liberdade, p<0,01) A média e o desvio padrão das escalas de preconceito flagrante e preconceito sutil são baixos (ver tabela 2). As médias indicam baixa concordância com o preconceito contra negros na amostra.

**Tabela 2: Média e desvio padrão da Escala de Fascismo, Preconceito Flagrante e Preconceito Sutil**

	Média	Desvio padrão
<b>Escala de Fascismo</b>	3,38	0,76
<b>Preconceito Flagrante</b>	2,20	0,85
<b>Preconceito Sutil</b>	2,70	1,05

As médias não são em si indicadores de que há pouco preconceito na amostra. O que elas evidenciam é a norma social que recrimina as manifestações diretas de preconceito descrita anteriormente na literatura sobre o racismo (Fernandes, 1985). Na mesma amostra há maiores escores da Escala de Fascismo, o que indica uma propensão à discriminação (indicadas por

características de processos inconscientes socialmente determinadas) que subjaz a adesão a norma anti-racista. Houve semelhança entre a média da escala F nesta pesquisa e na pesquisa *Personalidade Autoritária* (Adorno *et al.*, 1965) com a escala de fascismo tiveram média 3,7 e desvio padrão 0,9. Essa média foi obtida com diversos grupos. Foram pesquisados homens e mulheres, selecionados entre universitários, presidiários, operários e população em geral. O grupo mais semelhante à amostra, nesta pesquisa, foi composto de mulheres, da Universidade George Washington nos EUA. A média dessas universitárias foi de 3,5 (Adorno *et al.*, 1965).

Na tabela a seguir, são apresentadas as correlações de Pearson entre as escalas F, preconceito flagrante e preconceito sutil.

**Tabela 3: Correlações entre Escala de Fascismo, Preconceito Flagrante e Preconceito Sutil**

	Escala de fascismo	Preconceito Flagrante	Preconceito Sutil contra negros
<b>Escala de Fascismo</b>	1		
<b>Preconceito Flagrante</b>	0,30	1	
<b>Preconceito Sutil</b>	0,33	0,72	1

(Nota: correlações de Pearson, significativas a 0,01)

Houve correlação significativa entre as três variáveis no nível de  $P = 0,01$ . Não houve diferença significativa das correlações entre o preconceito flagrante e o preconceito sutil com a escala de fascismo ( $t = 1,24$ , 3 gl.  $p < 0,01$ ) e verificou-se diferença significativa entre a correlação do preconceito sutil e do preconceito flagrante e a correlação do preconceito sutil com a escala de fascismo ( $t = 4,27$ , 3gl.  $p < 0,01$ ), conforme afirmam Cohen e Cohen (1983). Ou seja, numericamente, existem diferenças entre todas as correlações. Mas, estatisticamente, só se pode afirmar que existe diferença entre as correlações de preconceito flagrante com a escala de fascismo (0,30) e preconceito sutil com a escala de fascismo (0,33) em relação à do preconceito flagrante com o preconceito sutil (0,72). Entre as duas primeiras correlações – (PF e EF) e (PS e EF) – não se pode afirmar que existe diferença significativa.

#### **b. Correlação entre a escala de fascismo e o preconceito**

Após essas discussões preliminares, as correlações permitem discutir a fundo a hipótese desta pesquisa, ou seja, como o preconceito racial contra negros se relaciona com a escala de fascismo (tendência para adesão ao fascismo).

A correlação entre a tendência ao fascismo (escala de fascismo) e o preconceito sutil surpreenderia o senso comum. Há uma associação cotidiana entre a tendência ao fascismo e o preconceito flagrante (0,30), mas o cinismo do preconceito sutil não é associado, no dia a dia, a comportamentos autoritários e a correlação entre o preconceito sutil e a escala de fascismo mostra essa relação (0,33).

A hipótese desta pesquisa era a existência de uma correlação entre tendência para adesão ao fascismo e preconceito flagrante e, também, que haveria correlação entre preconceito sutil e tendência para adesão ao fascismo. Essa hipótese foi confirmada. Porém se esperava uma correlação menor entre o preconceito sutil e a escala F do que entre o preconceito flagrante e a escala F

Essas correlações, entretanto, não são só um dado estatístico. Elas indicam significados históricos e sociais. As escalas de preconceito flagrante e preconceito sutil mantêm correlações com a escala de fascismo, ou seja, há correlação entre as manifestações implícitas e explícitas do preconceito e a subjetividade prejudicada (a tendência latente ao preconceito na tendência para adesão ao fascismo). Além disso, por meio do preconceito sutil, instala-se uma nova relação entre a tendência para adesão à ideologia autoritária e adesão à ideologia racista.

Antes de analisar essa correlação entre o preconceito sutil e a escala de fascismo, é necessário considerar a relação esperada entre o preconceito flagrante e a escala de fascismo. Por hipótese, essa correlação se estabelece pela associação da agressividade autoritária e da estereotipia, características da tendência latente ao preconceito, com as características do preconceito flagrante: o sentimento de ameaça e medo e a aversão à intimidade.

Os indivíduos predispostos ao preconceito (escala de fascismo) apresentam a agressividade autoritária, que consiste na tendência ao sadismo e à paranóia contra aqueles que forem percebidos como mais fracos:<sup>3</sup>

O sadismo latente em cada um adivinha infalivelmente a fraqueza latente de cada um. E a fantasia de perseguição é contagiante: todas as vezes que ela se apresenta, os espectadores são levados de modo irresistível a imitá-la. (Adorno, 1992: 143)

Assim, ao perseguir o negro, o preconceito flagrante assemelha-se à agressividade autoritária. Em ambas ocorre a projeção do ódio à fraqueza sobre o discriminado e esse ódio é projetado como defesa inconsciente contra o temor da própria fraqueza, ao mesmo tempo que cumpre a função de manter algozes dos mais fracos entre os que também são ameaçados pela sociedade.

#### c. Tendência latente ao fascismo e o preconceito sutil

A correlação entre o preconceito sutil e a escala de fascismo leva a duas discussões. A primeira delas envolve a relação entre o preconceito sutil e a tendência latente ao preconceito, e a segunda, a relação entre a ideologia racista contemporânea e a ideologia fascista.

---

<sup>3</sup> Os itens do preconceito flagrante mais relacionados com conteúdo mais próximo do sadismo são: (PF1) os negros têm empregos que deveriam ser dos brancos; (PF3) os brancos e os negros dificilmente estão confortáveis uns com os outros, mesmo sendo amigos próximos; (PF4) estão errados os governantes que se preocupam mais com os negros do que com os brancos em dificuldades.

O resultado desta pesquisa contradiz o que Duckitt (1992), Altmayer (1998) e Vala (2000) afirmam: que a escala de fascismo mede características de personalidade e, por isso, não captaria os aspectos sociais do preconceito. Para eles, seriam necessárias escalas direcionadas à aprendizagem das normas sociais para medir o preconceito.

Essas outras escalas têm em comum a apresentação de enunciados a respeito, ou relacionados ao grupo discriminado. As escalas de preconceito flagrante e preconceito sutil são exemplos dessa concepção de pesquisa. O resultado deste estudo, entretanto, indica exatamente o contrário, ou seja, que há relação entre as escalas diretas (preconceito flagrante), indiretas (preconceito sutil) e latentes (escala de fascismo).

A relação entre a escala de fascismo e o preconceito sutil é corroborada por análises do próprio autoritarismo. Há o uso de elementos do preconceito como argumento do autoritarismo e esses elementos são, em geral, a ameaça e o medo do diferente, a rejeição emocional do grupo discriminado. Os agitadores fascistas utilizavam a retórica racista para criar uma identificação entre a população e os ideais de submissão e agressividade autoritária. Essa identificação operava por meio de estruturas subjetivas importantes tanto para o autoritarismo quanto para o preconceito: a identificação com líderes fortes, a estereotipia e o narcisismo das pequenas diferenças.

A correlação de 0,33 entre a escala de fascismo e o preconceito sutil demonstra que as marcas da subjetividade prejudicada não são a única determinação do preconceito sutil. Ou seja, há pessoas para as quais o preconceito sutil não vem associado a propensão ao fascismo.

Por fim, ressalta que a estrutura subjetiva do indivíduo abriga a tendência latente ao preconceito sutil contra negros, e que qualquer medida para diminuir esse preconceito, para além de sua coerção circunstancial, deve evitar, nos indivíduos, a formação da tendência para adesão ao fascismo.

## Considerações Finais

---

A análise dos resultados desta pesquisa permite formular algumas considerações sobre o preconceito racial contra negros e sua relação com as predisposições políticas de jovens universitários. A correlação entre escala de fascismo e o preconceito sutil demonstra que é possível prever uma parte da variação do preconceito sutil por meio da tendência latente ao preconceito. Tanto o preconceito sutil quanto a tendência à adesão ao fascismo são produtos da regressão geral do indivíduo, mantêm a dominação como registro das relações entre os indivíduos e adaptam essa dominação ao capitalismo contemporâneo. As marcas sociais produtoras do preconceito sutil estão registradas na subjetividade mais profunda dos indivíduos contemporâneos.

É lícito concluir, pois, que as preocupações de Adorno, em *Educação após Auschwitz*, (2003) com as condições gerais da formação para conter o preconceito flagrante também são válidas para conter o preconceito sutil. Ou seja, é necessário cuidar da educação infantil e do clima geral de esclarecimento. A educação infantil deve ser planejada para evitar o

masoquismo, o sadismo, o elogio da dureza e da virilidade. Ela também deve evitar o culto ao avanço tecnológico, para prevenir a formação de uma *consciência coisificada*. É necessária a crítica às razões de Estado, ao nacionalismo e ao totalitarismo, dado que a submissão da dignidade humana à manutenção do Estado é o princípio do terror, e o nacionalismo exacerba o uso instrumental do narcisismo das pequenas diferenças.

A crítica do preconceito sutil e da sua característica autoritária esclarece a sociedade quanto à urgência de enfrentar, ao mesmo tempo, o preconceito racial contra negros e as estruturas de dominação da sociedade brasileira. Por isso, não pode haver ação afirmativa sem a denúncia da dominação e a oposição ao autoritarismo na sociedade. A diminuição da discriminação contra negros não pode ser restrita à entrada de negros como consumidores de serviços ou partícipes da concentração de renda. A bem do futuro, impõe-se a crítica à submissão e à agressividade autoritária, ao convencionalismo e à insuficiência da tolerância superficial das diferenças na sociedade, entre as classes, os gêneros e as etnias.



## Referências Bibliográficas

---

- Adorno, Theodor W. *et al.* (1965). *La personalidad autoritaria*. Buenos Aires: Editorial Proyección.
- Adorno, Theodor W. (1995). Experiência científica nos Estados Unidos. In ADORNO, Theodor. W. *Palavras e sinais: modelos críticos*, 2 (Maria Helena Rushel trad.)(pp. 137-178). Petrópolis: Vozes.
- Adorno, Theodor W. (1992). *Minima Moralia*. São Paulo: Ática
- Adorno, Theodor W. (2003). Educação após Auschwitz. In ADORNO, Theodor. W. *Theodor W. Adorno: educação e emancipação*. São Paulo: Paz e Terra.
- Adorno, Theodor W. (2006). A teoria freudiana e o padrão da propaganda fascista. *Margem Esquerda*, São Paulo, 7, 164-89.
- Allport, Gordon. (1979). *The nature of prejudice*. New York: Perseus Publishing.
- Alves, Mário A., & Galeão-Silva, Luis. G. (2004). A crítica da gestão da Diversidade nas Organizações. *Revista de Administração de Empresas*, São Paulo - Brasil, v. 44, n. 3, p. 20-29,
- Altemeyer, Robert. (1998). The other 'authoritarian personality. In M. P. Zanna (ed.), *Advances in experimental social psychology*. (pp. 47-92) San Diego, CA: vol. 30.
- Carone, Iray. (2002). Psicologia social do racismo. In Carone, Iray e Bento, Maria A. S., *Psicologia social do racismo*. Petrópolis: Vozes.
- Cohen, Jacob., & Cohen, Patricia. (1983). *Applied multiple regression correlation analyses for the behavior sciences*. Hillsdale: Lawrence Erlbaum Associates Publishers, 1983.
- Camino, Leôncio e cols. (2001). A face oculta do racismo no Brasil. *Psicologia Política*, 1(1), 67-99.
- Crochík, José Leon. (1997). *Preconceito Indivíduo e Cultura*. São Paulo: Robe.
- Crochík, José Leon. (1999). A ideologia da racionalidade tecnológica e a personalidade narcísica. Livre-Docência, IPUSP, Universidade de São Paulo.
- Crochík, José Leon. (2001). Teoria crítica da sociedade e estudos sobre o preconceito. *Psicologia Política*, 1(1), 67-99.
- Crochík, José Leon. (2005). Preconceito: relações entre ideologia e personalidade. *Estudos de Psicologia*. 22(3), 309-319.
- Crochík, J. L. (2008). T.W. Adorno e a psicologia social. *Psicologia & Sociedade*, 20(2), 297-305.
- Dolvidio J. e Gaertner, S. L. (1986) *Prejudice, Discrimination and Racism*. Orlando: Academic Press, 1986.
- Duckitt, J. (1992). Psychology and prejudice: a historical analysis and integrative framework. *American Psychologist*, 47(10), 1182-1193.

- Ethos, Instituto. (2010) *Perfil Social, Racial e de Gênero das 500 maiores empresas do Brasil e suas Ações Afirmativas*. São Paulo: Instituto Ethos e IBOPE inteligência. Acessado em 12/12/2012, de: [http://www1.ethos.org.br/EthosWeb/arquivo/0-A-eb4Perfil\\_2010.pdf](http://www1.ethos.org.br/EthosWeb/arquivo/0-A-eb4Perfil_2010.pdf)
- Fernandes, Florestan. (1985). *A integração do negro na sociedade de classes*. São Paulo: Dominus.
- Freud, Sigmund. (1976). *O estranho* (Obras Completas v. 5) Rio de Janeiro: Imago.
- Gaertner, Samuel., & Dolvidio, John. (1986) The Aversive Form of Racism. Em Dolvidio, John., & Gaertner Samuel L. *Prejudice, Discrimination and Racism*. Orlando: Academic Press.
- Guimarães, Antônio. (2000). Introdução. Em Guimarães, Antonio S., & Huntley, Lynn. *Tirando a máscara: ensaios sobre o racismo no Brasil*. São Paulo: Paz e Terra.
- Guimarães, Antônio. (2005). *Racismo e anti-racismo no Brasil*. São Paulo: Editora 34.
- Henriques, Ricardo. (2001). *Desigualdade racial no Brasil: evolução das condições de vida na década de 90*. IPEA (texto para discussão nº 807). Acessado em 04/08/2016, de: [http://www.ipea.gov.br/portal/index.php?option=com\\_content&view=article&id=4061](http://www.ipea.gov.br/portal/index.php?option=com_content&view=article&id=4061)
- Henry, Patrick J., Sears, David O. (2002). The Symbolic Racism 2000 Scale. *Political Psychology*, 23(2), 253-283.
- Holanda, Sérgio B. (1996). *Raízes do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Honneth, Axel. (2003) *A Luta Por Reconhecimento: a gramática moral dos conflitos sociais*. São Paulo: Editora 34.
- Horkheimer, Max. (1983). "Teoria Tradicional e Teoria Crítica". Em Horkheimer, Max. *Textos Escolhidos*. São Paulo: Abril Cultural.
- Horkheimer, Max., & Adorno, Theodor W. (1973). *Temas básicos de sociologia*. São Paulo: Cultrix, 1973.
- Horkheimer, Max., & Adorno, Theodor W. (1992). *Dialética do esclarecimento* (Guido Antônio de Almeida trad.). São Paulo: Jorge Zahar,.
- Houaiss, Antonio. (2006). *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. São Paulo: Editora Objetiva.
- Lowenthal, Leo. (1987). *False Prophets: studies on authoritarianism*. New Brunswick, NJ: Transactions.
- Machado, Elielma A., & Barcelos, Luiz C. (2001). Relações raciais entre universitários no Rio de Janeiro. *Estudos Afro-asiáticos*, 23(2), 1-36.
- Meertens, Roel., & Pettigrew, Thomas F. (1997). Is subtle prejudice really prejudice? *Public Opinion Quarterly*, 61, 54-71.
- Oliveira, Pedro F. (2002). A justificação da desigualdade em discursos sobre posição social do negro. *Revista Psicologia Política*, 2(4), 267-95.
- Oliveira, Cloves L. P., & Barreto Paula. C. S. (2003). Percepção do racismo no Rio de Janeiro. *Estudos Afro-asiáticos*, 25(2) 183-213. Acessado em 17/01/2016, de: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0101-546X2003000200001&lng=en&nrm=iso&tlng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-546X2003000200001&lng=en&nrm=iso&tlng=pt)

- Pettigrew, Thomas., & Meertens, Roel. (1995). Subtle and blatant prejudice in western Europe. *European Journal of Social Psychology*, 25, 57-75.
- Turra, Cleusa., & Venturi, Gustavo. (1995). *Racismo cordial*. São Paulo: Ática.
- Vala, Jorge., e cols. (1999). *Expressões dos racismos em Portugal*. Lisboa: Instituto de Ciências Sociais.
- Venturi, Gustavo., & Paulinho, Mauro F. (1995). Pesquisando preconceito racial. Em Turra, C. e Venturi, Gustavo. *Racismo cordial*. São Paulo: Ática.
- Venturi, Gustavo., & Bokany, Vilma. (2004), *Racismo no Brasil*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo.
- Wiggershaus, Rolf. (2010). *A Escola de Frankfurt*. Rio de Janeiro: Difel.
- Zaluar, Alba. (2000). Para não dizer que não falei de samba: os enigmas da violência no Brasil. Em Novais, Fernando (org. ), *História da vida privada no Brasil*, (vol. 4). São Paulo:

**Recebido em 12/10/2015**

**Revisado em 11/01/2016**

**Aceito 09/02/2016**